

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

FOLCLORE.

CASTRO, Domingos Leite de

Ano: 1887 | Número: 4

Como citar este documento:

CASTRO, Domingos Leite de, Folclore. *Revista de Guimarães*, 4 (1) Jan.-Mar, 1887, por. 39-47

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

FOLK-LORE

Astros, atmosphaera

1

Quem quizer pedir alguma cousa ao Senhor ha de fitar o sol ao darem as tres badaladas do meio-dia e rezar a cada uma d'ellas um padre-nosso; se quizer pedir á Senhora fitará a lua, ou, na falta d'esta, uma estrella « ao tocar das Trindades » rezando uma Ave-Maria. Mas, enquanto se olha o sol, lua ou estrella, não se deve pestanejar.

(S.)

2

Quando chove e faz sol ao mesmo tempo está Nossa Senhora a lavar o menino Jesus.

3

«Sol lampeiro, chuva no eido». A explicação é esta: quando o sol nasce e brilha n'uma faixa limpa do horisonte, enquanto que o resto do céu está carregado de nuvens, a chuva é certa. É este o sol lampeiro. Se, pelo contrario, o sol ao pôr-se encontrou uma faixa de céu limpa, embora as nuvens cubram o resto, no dia seguinte ha bom tempo.

(S.)

4

O sol, quando se põe, vai por baixo d'agua para o Brazil e ahi nasce.

(S.)

5

Quando se vê a lua pela primeira vez é costume dizer-se:

« Lua nova, lua nova,
Benza-te Deus, minha madrinha,
Leva a tua côr e deixa-me a minha. »

(S.)

6

Quando se vê alguém fazer uma boa acção, que se não espera d'essa pessoa, costuma-se dizer: « Oh! está a lua atraz do forno! » Outros dizem que está o diabo.

7

É corrente entre o povo que, olhando a lua até ao seu oitavo dia n'um espelho, se vêem n'este tantas luas, quantos dias ella tem.

É preciso collocar-se o espelho obliquamente. De frente o phenomeno optico, que dá 2, 3 etc. reflexos da lua, não se produz, é claro.

(S.)

(Vizella).

8

O Sete-estrello pelo S. Martinho
Vai de bôrdo a bordinho;
À meia-noite está a pino,

pelo mez de junho principia a apparecer á serra ás tres horas da manhã; d'este mez em diante apparece sempre uma hora mais cedo em cada mez, até que em fins de outubro princi-

pia a apparecer á bocca da noite, seguindo seu giro até que desaparece desde o fim d'abril até fim de junho.

(S.)

9

A Estrella do norte acompanha o mesmo Sete-estrello a um lado d'elle, nascendo e escondendo-se sempre quando a elle.

(S.)

10

A Estrella da manhã apparece ao nascente das duas ás tres horas da manhã.

(S.)

11

Em novembro apparece uma outra estrella um pouco menos resplandecente, pela qual muitas pessoas se regulam para seguirem suas jornadas, que ás sete horas da manhã se torna invisivel com a claridade do dia e em fevereiro desaparece do nascente para apparecer ao poente, denominada a Papaceia.

(S.)

12

O Cruzeiro do norte compõe-se de nove estrellas muito pouco resplandecentes, seguindo o mesmo giro do Sete-estrello até que desaparece desde fim de setembro a fim de outubro, e no fim d'este mez torna novamente a apparecer.

(S.)

13

As Tres Marias são tres estrellas muito resplandecentes que seguem o mesmo giro do Cruzeiro do norte.

A proposito das Tres Marias uma mulher de Santa Christina citou as cantigas dos Reis:

« Lá se vão as Tres Marias
De noite pelo luar,
Em busca do Deus menino
Sem n'ó poderem achar. »

(S.)

14

Os rapazes costumam dizer ao arco-iris :

« Arco da velha,
Põe-te na quelha,
Que dizem os mouros
Que te hão de matar
Com facas, agulhas
E tesouras do mar. »

A proposito de mouros. Já ouvi contar assim (textual) a um jornaleiro de Felgueiras, a historia do dominio dos mouros entre nós :

« Os mouros estiveram por cá muito tempo. Ha até quem tenha isso carregado (registado). Deixaram por ahi muitas riquezas encantadas. Uns vieram buscal-as, outros não tornaram cá e por ahi ficaram essas riquezas sem ninguem saber d'ellas. Quantas vezes a gente cuida que atira com uma pedra a uns bois (quando se lavra, para os espertar) e atira com um pedaço d'ouro! Elles viviam nos altos, onde tinham muros e castellos e onde se defendiam ; porque todos os corriam até que os puzeram fóra. »

15

Ao que chamam « as arremedas »

O dia de Santa Luzia, que é a 13 de dezembro, é o primeiro d'esta *experiencia*. Serve para se saber o tempo que ha de haver em janeiro ; por ex. se chover n'esse dia o mez de janeiro será chuvoso. O dia 14 serve para fevereiro, o 15

para março e assim por diante até ao dia 24, que serve para dezembro.

Se, porém, o dia 25 de dezembro estiver de sol (no mesmo exemplo), prevalece o sol d'este dia e não a chuva do dia 13, o tempo do dia 26 prevalece ao do dia 14, e assim continuando até ao dia 5 de janeiro, prevalecendo sempre os dias posteriores aos anteriores. A isto chama-se : — desarremedar.

As « arremedas » do anno são conhecidas de todos os lavradores.

(S.)

16

Natal, luar e vinho

Se na noite de Natal houver meio luar (luar metade da noite), haverá no anno seguinte mais vinho, em relação ao vinho inteiro (colheita boa), que terá lugar se na noite de Natal houver luar inteiro (toda a noite).

Tambem se diz que não haverá nenhum vinho se a noite de Natal fôr completamente escura.

(S.)

17

Vinho, vento na noite de S. Vicente Ferreira

Se, na noite de S. Vicente Ferreira, o vento ficar de montanha, haverá bom anno de vinho.

Parece limitar-se a Guimarães. O vento da montanha é o da Penha, vento éste.

(S.)

18

« Assim como *quinta* pinta ;
Assim como pinta trinta. »

Quer dizer : o mez correrá segundo os indícios do 5.º dia, quanto a sol ou a chuva.

(S.) — Pova de Varzim, Lamego, interior do Minho.

Em Guimarães diz-se :

«Onde *quinta*, d'ahi trinta,
Se aos nove não *desquinta*.»

Aqui exige-se mais que o nono dia do mez não dê indícios contrarios aos do quinto.

19

A Senhora da Luz chora — inverno fôra.
A Senhora da Luz ri — inverno para vir.

(S.)

Adivinhas

1

Antre as flôres fui nascida
e nunca fui pretendida ;
agora que sou velha encurricada
é que sou procurada.

— Maçã. —

2

Venho aqui
por uma aposta,
por uma aposta
venho aqui.
Barrete vermelho,
salta p'ra ali.

— Macaco. —

3

Repiquinho, repicanço, (o vento)
leva a folha e deixa o *manço*.

— Linho. —

4

Branca larada
que vai pela estrada,
não come nem bebe
nem paga obrada.

— Teia. —

5

Oito batem á calçada,
quatro olham para o céu,
um toca o *cherandéo*,
outro endireita a cambulhada.

— Uma junta de bois e o lavrador. —

6

Um coz que não tem coz,
nem azas, nem c..., nem bico,
e depois do *recontico*
tem azas e c... e bico?

— Ovo. —

7

Qual é, qual é
o marco de meio mundo,
que tanta distancia tem
de si para o alto,
como de si para o fundo?

— Umbigo. —

8

Entre tábua e vallado
Stá um boi arreventado.

— O pão na maceira. —

9

O seu filho « triconico »
não tem pé, nem c..., nem bico ;
e o seu filho « triconico »
tem pé, tem c... e tem bico.

— Ovo. —

10

Que é, que é
que tanto na antiga
como na moderna era,
antes de o ser já o era?

— Pescada. —

11

Um negritates
em cima d'uns curribitates,
dá-lhe o bermilhates,
no c... lhe bates.

— Um tacho n'uma trempe. —

12

Que é, que é
tem um palmo de pescoço,
tem barriga e não tem osso?

— Garrafa. —

13

Campo grande,
boi formoso,
vacca preta,
cão raivoso. ¹

— O mundo, o sol, a noite e o vento. —

14

De verde vestido,
de branco calçado,
cabelleira azul,
chapéo embicado.

— Linho. —

¹ Cf. *Tradições populares*, L. de Vasconcellos, n.º 56.

15

Altas torres,
formosas janellas
que abrem e fecham
sem se tocar n'ellas.

— Os olhos. —

16

O que são seis irmãos
que todos vão á feira
e só um não?

— Os dias da semana. —

Os numeros marcados com (S.) foram communicados pelo
snr. F. Martins Sarmento.

D. LEITE DE CASTRO.